



HISTORIA E AVENTURAS D'UM PORCO DA EDADE MEDIA

(Continuação)

Na sua rapida corrida, rapida quanto o pode ser a corrida d'um respeitavel cevado que pesa dezeseite arrobas, Chiqueirino gosa com delicias as primeiras alegrias da independencia.

De repente, descobre uma escada encostada a uma arvore, uma formosa macieira. Completamente decidido a esquivar-se á perseguição do seu companheiro, Chiqueirino calcula na sua ingenuidade que pode passar sem estorvo por entre dois degraus da escada. Fatal illusão! Ah! amigo Chiqueirino, isso é presumir demasiado da elegancia das vossas formas! Bem sabemos que não tendes um compasso em cada olho, mas, que demonio! a ninguem é permitido querer metter o Rocio na Bitesga!

O caso foi que Chiqueirino investiu com a escada, dando com ella em terra, juntamente com o desgraçado que, muito satisfeito, colhia as formosas maçãs. Nem o cesto das ditas escapou!

Chiqueirino prosegue na sua doida carreira e vae esbarrar com um paciente burro, paciente e muito delicado, porque, para dar passagem a Chiqueirino, levanta rapidamente as patas trazeiras, o que não foi do agrado do desprevenido cavalleiro, que teve de saltar pelas orelhas do gerico!

Mas cuidam que Chiqueirino se deteve para

agradecer e pedir desculpa? Qual historia! partiu como um raio, sem fazer caso dos gritos do homem e dos zurros do burro. A civilidade não era o forte de Chiqueirino.

Continuando a desenfreada carreira, eil-o no meio d'um bando de patos e de gallinhas. As timidias aves apressam-se a abrir caminho, o que muito lisongea a vaidade de Chiqueirino, que já se julga com o rei na barriga! Pois amigo, não é bom ser vaidoso, nem bom nem bonito.

Chiqueirino teve logo o castigo do seu orgulho. Muito inchado com o procedimento attencioso e humilde do burro, dos patos e das gallinhas, entendeu na sua soberba que todos deviam afastar-se ou fazer alas para lhe deixarem a passagem livre. Enganou-se.

Foi direito a um cavallo, que estava preso a uma argola, e o valente e nobre animal, sentindo nas pernas o fochino de Chiqueirino, despediu tamanho coice, que o fez dar uma formidavel cambalhota, de encontro ao moço que trazia tranquillamente uma celha com agua, celha que lhe foi parar á cara, fazendo-o tomar um banho forçado!

Revê-te na tua obra, Chiqueirino!

(Continua.)



QUADROS DE HISTORIA NACIONAL

UM PRINCEPE BORGONHEZ

Não é facil encontrar na vida do primeiro soberano portuguez, quer dizer, do primeiro principe, que governou, com o titulo de conde, o territorio que fica entre o Minho e o Mondego, um episodio que sirva para se fixar n'um quadro o caracter do seu governo. É a existencia mais inquietta e mais aventurosa que pode imaginar-se.

Vem de França Henrique de Borgonha com seu primo Raymundo, e apparecem um e outro na côrte de Affonso vi de Leão, que nos seus dominios já bastante vastos comprehende os condados de Portugal e de Coimbra. Veem combater contra os Mouros, obra santa n'esse seculo de cruzadas. Pelejam como uns heroes, e Affonso concede-lhes as mãos de suas duas filhas gentilissimas, Urraca e Thereza. Depois, ao marido de Urraca entrega o governo supremo da parte occidental da Hespanha christã; ao marido de Thereza o governo dos dois condados que formam a vanguarda christã, e que se unem assim n'um só, a que se applica o nome de condado de Portugal. Henrique não descança um instante. Não contente de defender a sua fronteira contra os Mouros e de a levar o mais longe que pôde, vae á Palestina; procura obter para sua mulher a herança de Affonso, que não tem filhos varões. Não o conseguindo, porque foi Urraca a herdeira, Urraca já casada em segundas nupcias com o rei Affonso de Aragão, procura arrancar-lhe mais alguns pedaços de territorio. Para isso aproveita as discordias que se travam entre Urraca e seu marido, vae buscar tropas a França, é preso n'esse paiz. Foge, volta á eterna lucha,

sem descançar um momento, e morre, depois de uma existencia de incessante lida, em que só uma cousa consegue: deixar em condições de independencia o paiz que recebera como vassallo.

Tivera a sua côrte em Guimarães, a velha cidade triste que se recosta nas serras cobertas de verdura. Alli resplandecia a belleza de sua mulher, tão ambiciosa como elle, alli tambem começava a andar, vigiado com um sorriso pelo bom cavalleiro Egas Moniz, um pequenino que tinha de ser Affonso Henriques. Alli, entre os seus tropeiros francezes que o tinham acompanhado, e os cavalleiros portuguezes que tinham accedido com jubilo a sua soberania, ia o principe borgonhez acalentando a idéa da independencia do seu condado. Esse paiz, em que governava, estava cheio de grandes memorias. A dois passos de Guimarães erguia-se Braga com as suas tradições suevas, e lá mais para o sul, em Vizeu, conservava-se a memoria gloriosa de Viriato.

Entre o antigo Herminio e o Gerez vivia uma raça forte e fortemente apegada ás suas lembranças locais, prompta sempre a tratar como estrangeiros todos os que ficavam alem-Minho. O elemento extra-peninsular, que Henrique trazia consigo, ainda mais concorreu para fortalecer a idéa separatista. Quando o principe borgonhez morreu, a independencia portugueza não estava ainda affirmada nos factos, mas estava já profundamente radicada nas almas.

PINHEIRO CHAGAS.

O PARDAL E O BELLO

Uma paizagem muito simples: nem vetustos castellos carrancudos, nem pincaros a mergulhar nas nuvens, nem abysmos de phantastico aspecto, onde as correntes se precipitam em catarractas ruidosas; apenas um valle moldurado de collinas vestidas de pinheiros e estevas, em baixo a ribeira correndo em leito pedregoso povoado de aloendros de folhagem verde-escura e brilhante.

Um moleiro aproveitou a corrente e fez alli o seu moinho; construiu uma casa com sua azenha, o açude que represa parte da agua da ribeira, e a levada para conduzir a agua do açude, que vae cair nas travessas da roda da azenha, fazendo-a girar, girar n'um ruido alegre, muito cheia de espumas e frescuras.

Depois o moleiro fez o quinchoso, o cerrado com seu vallado de silvas, figueiras da India e sabugueiros; plantou bacellos e estacas de oliveira, fez um pedaço de hortejo, e á beira do riacho mettuu choupos e freixos.

Um dia, o Pae do Ceu olhou aquelles sitios d'antes ermados, reparou na lida do moleiro, e disse:

— Ora o bom do moleiro! como elle tem trabalhado!

E abençoou-lhe o trabalho.

As plantas cresceram bem, e agora está alli um ninho de verduras, uma paizagem fresca e mimosa, alli entre as collinas vestidas de estevas e pinhaes.

Heras verde-escuras treparam pelas paredes de pedra ensôssa, roseiras alastram-se nas caidas, pela frente corre o parreiral; as andorinhas descobriram logo uns sitios tepidos, seguros, voltados ao sul, nos beirões do telhado; os pardaes aproveitaram os agulheiros do moinho; os melros escolheram os sabugueiros dos vallados, as moitas de madre-silva; e uma cegonha fez o seu ninho no choupo mais alto.

Uma vez desceu um caminhante pelo atalho do pinhal; um viajante nada vulgar; vinha a pé,

de bordão, sua mochila às costas, grande chapéu de largas abas; veiu descendo a vereda e ao dar com a vista no moinho parou admirado.

— Que lindo! que formosa paizagem! que bello!

E procurou uma sombra, assentou-se n'uma pedra, abriu o seu *album* e começou a desenhar.

Ora todos sabem que os pardaes são mui curiosos, e aconteceu que um pardal, que por signal morava no agulheiro da azenha, andava, n'aquelle occasião, girando pela collina; viu o desenhista, e logo veiu pousar na copa do pinheiro, para o examinar melhor. Ouviu então as exclamações: — Que bello! que bello!

— Não entendo, piou o pardal com as suas pennas, o bello! que será?

Depois, o viajante foi escolher outro ponto de vista e começou a esboçar nova paizagem.

— Que frescura, que pittoresco, que harmonia de contrastes, que bello! exclamava elle a cada momento, com o enthusiasmo dos verdadeiros artistas, ante as espontaneas maravilhas da natureza.

O pardal voou, seguindo a distancia o viajante, e foi pousar n'outra arvore, mirando-o mui curioso.

— Que bello! que será o bello? ora muito gostava eu de saber o que é o bello!

Assim que o viajante partiu, voou logo o pardal a procurar o pae.

— Paesinho pardal, diga-me o que é o bello?

— Eu sei lá! que lembrança! tens ás vezes perguntas...

— Vi hoje um desconhecido que andou a mirar estes sitios, e a cada passo dizia: Que bello! que bello! Ora muito gostava eu de saber o que é o bello.

N'isto chegaram outros pardaes.

— Como estão? como vaé isso? O centeio já estará madurinho? então achaste alguma cousa? foi trigo? foi milho? passou por aqui algum milhafre?

O nosso pardal começou logo a contar a historia do viajante: nenhum sabia o que era o bello; só um pardal dos mais velhos, tido na conta de muito fino e sabedor, e que por isto se julgava obrigado a dizer sempre alguma cousa, piou:

— Já tenho ouvido isso, não sei bem o que é, deve ser uma espiga de trigo, ou cousa parecida.

Mas d'ahi a dias passou pelo moinho um rancho de raparigas e rapazes que iam para um brinca-tudo; desciam pela vereda cantando, esbraseados do sol; um rapaz na frente tocava a flauta: pararam mesmo ao pé da azenha.

— Oh! que bellas sombras! e que fresquinho! descancemos aqui.

— Oh! que bellas rosas!

Todos colheram rosas, e os rapazes enfeitaram as voltas das jalecas, e as raparigas ornaram os cabellos.

O pardal ouviu.

— Outra vez o bello, piou elle com as suas pennas; bellas sombras, bellas rosas; agora es-

tou em confusão, parece-me que não chego a saber o que é o bello.

Esqueci-me dizer-lhes que o velho moleiro tinha familia; tinha mulher e filhos, e um dos filhos já casara e uma das filhas tambem, de modo que o velho moleiro tinha esposa, filhos, genro e nora, netos e netinhas; era uma grande, honesta e laboriosa familia, que toda vivia alli no ninho de verdura, á beira do riacho.

Uma tarde passou por alli uma senhora vestida de luto, acompanhada de creados e creadas; ia n'uma traquitana muito feia, mas commoda para jornadas por estradas más; andava viajando para se distrahir, porque lá muito longe, em terras d'África, o marido morrera, havia pouco, servindo a patria e a civilisação. Passando pelo moinho, parou, apeou-se, descansou; não quiz entrar em casa, teimou em ficar á sombra da olaia, então rubra de flores, por ser começo de primavera. A familia do moleiro veiu toda commimental-a, trouxeram-lhe uma cadeira, um copo d'agua limpida e fresca, um cabazinho de laranjas, ramos de flores, e todos, desde o velho moleiro até á mais pequerrucha das netinhas, cercaram a dama vestida de luto, e ella a todos dirigiu expressões bondosas e ao despedir-se disse com voz cheia de saudade:

— Que bella que é a familia! que bella!

— Esta agora! piou o pardal, então n'isto tambem ha o bello! não posso entender!

— Deixa-te d'isso, não scismes n'essas cousas, são exquisites de homens, piavam-lhe os outros pardaes; trata de apanhar o grãozinho, a sementinha; olha, vem d'ahi commosco alli ao quinchoso; o moleiro andou esta manhã a semear ervilhas, e agora foi dormir a sesta, aproveitemos a occasião.

— Pois vamos.

E foram, mas não apanharam uma só ervilha, porque exactamente n'essa occasião appareciam os netos do moleiro, fazendo grande barulho com umas latas velhas, e berrando:

— Iche, pardalada brava! fóra, ladrões!

Os pardaes fugiram todos com ataques nervosos.

— Ora esta! piava o pardal mais velho muito zangado, esta é que eu não esperava. Já os rapazelhos sabem que a lata velha nos ataca os nervos! não sei onde isto ha de chegar; já um pardal não pode ir comer a sua ervilha ao quinchoso, querem lá vêr!

— O bello! o bello! que será o bello! scismava o nosso pardal.

(Continua).



PASSAGEM DO MALAGARAZI E DO RUSSUGE



O Malagarazi

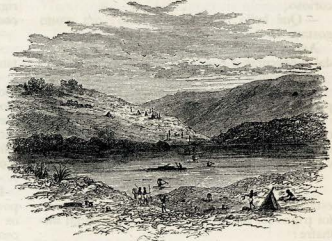
O interior africano é cortado por numerosos rios, maiores ou menores, o que muito dificulta a travessia dos benemeritos exploradores. Em primeiro lugar, o chefe, ou regulo, exige um tributo para permittir a passagem; mas não é isso o bastante, porque os pretos donos das canoas exigem tambem remuneração pelo transporte, e não se contentam com pouco; em segundo lugar, as canoas são feitas tão toscamente, que não é pequeno o perigo para quem d'ellas se serve. Chamam-lhe geralmente *coches*. Cortam o tronco d'uma arvore, no comprimento de dezoito pés, cavam-no ao centro, e ahí está prompto o *coche*. Ha outras ainda peores, porque são feitas da casca d'uma

arvore chamada imbondeiro; cosem a casca nas extremidades, e nada mais.

As nossas gravurinhas representam a passagem dos rios Malagarazi e Bussuge, cujo aspecto é na verdade pittoresco.

Os pretos teem um preconceito, que não deixa de ser engraçado. Não querem deixar passar os jumentos de um para o outro lado do rio, sem que venha um feiticeiro *fazer-lhes remedio*. O feiticeiro procede a uma pantomima extravagante, acompanhada de palavras cabalisticas, e só então é permittida a passagem aos pobres burros. Esta cerimonia é tambem paga, não só ao feiticeiro, como aos barqueiros.

Em questões de interesse, a Africa pouco tem que aprender com a Europa.



O Russuge

QUADRO ANTIGO

NO HOSPICIO

Sobre o teu berço airoso, alvar, de neve,

Ó minha linda flôr,

A face recostou subtil, de leve,

Um anjo do Senhor!

E disse: — Tão formoso (e sem linhagem!)

Parece meu irmão —

E o anjo via n'elle a sua imagem,

Divina creação!

— Não tens, na terra, mãe?! Vem, pois, commigo,
Voeemos para o céu...

E a loura creancinha ao seu amigo
Alegre as mãos lhe deu.

No claro azul das orlas do poente
Esmorecia o sol,

Trinava no balseado alegremente
Um doce rouxinol!

E emquanto, no hospicio, alguém chorava

A perda d'esse amor,

No céu um anjo mais abrilhantava

A côrte do Senhor!

DIALOGOS INSTRUCTIVOS

O TRIGO

(Continuação)

— Se o menino quer saber como se faz o pão — respondeu o moleiro — peça ao papá que o leve a casa do meu visinho padeiro, que está agora a trabalhar.

Momentos depois, Julião e seu pae entravam na fabrica do padeiro.

lá para dentro o pão, com o auxilio d'uma pá de madeira, de cabo muito comprido. Em o pão estando cosido, tira-se para fóra com a mesma pá, e está prompto. Agora que já lhe fiz conhecer os segredos do officio, só me resta dar-lhe a provar dos meus productos — terminou o com-



... e mette-se lá para dentro o pão, com o auxilio d'uma pá de madeira...

— Ah! o menino quer aprender o officio? — disse alegremente o bom do padeiro, homem gordo e côrado. — Então venha cá para ao pé de mim, e veja como eu trabalho. N'esta caixa comprida, que tem o nome de masseira, deito eu a farinha, juntamente com a agua necessaria e algum sal. Depois começo a ligar uma coisa com outra, até fazer uma massa. Esta massa é muito batida e calcada á força de pulso, para que fique em boa consistencia. Esquecia-me dizer-lhe que se junta uma porção de fermento, que é um bocado de massa que se deixa azedar de proposito. Este fermento concorre para a massa levedar mais depressa; então começo a tender, isto é, a fazer os pães, que vou collocando mui apertadinhos n'um taboleiro, com o auxilio d'um panno muito comprido, chamado bragal. Entretanto, o forno tem estado a arder, e quando fica bem quente, limpa-se das brazas e da cinza, e mette-se

placente padeiro, offerecendo a Julião uma appetitosa merendeira.

O pequenito agradeceu ao bom do homem, e retirou-se com o seu papá.

— Está muito gostoso este pão — disse o Juliãozinho trincando na merendeira — parece bolo. O papá, os bolos tambem se fazem com farinha?

— De certo que sim. Os bolos levam farinha, juntando-lhe assucar, canella, manteiga, ovos, leite, amendoas, etc., conforme a qualidade que se pretende fazer. As bolachas e os biscoitos tambem se fabricam com farinha, e do mesmo modo as massas para sôpa, o macarrão, o talarim, a pevide, etc.

— Não imagina, papá, como estou satisfeito por saber como se fabrica o pão! — exclamou o pequenito. — Não suppunha que fosse uma coisa tão simples.

— De facto, não é muito difícil, e tanto que a maior parte dos habitantes do campo são elles mesmo os seus padeiros. Na aldeia, o dia da cosedura toma até uns ares de festa na familia,

dir esmola, é tambem contemplado na distribuição da guloseima. O quinhão do pobre é sagrado. Este caridoso costume subsiste ainda em quasi todas as aldeias.



N'aquelle dia, se algum pobresinho acerta de bater á porta, e tambem contemplação...

porque as mães, que em toda a parte, e sejam pobres ou ricas, cuidam sempre de amimar os filhos, aproveitam a occasião para lhes arranjar algum bolinho appetitoso. N'aquelle dia, se algum pobresinho acerta de bater á porta para pe-

Julião parou de repente e disse ao seu papá: — Que bulha fazem as cigarras a cantar! nem me deixam ouvir bem o papá! São ellas que devoram o trigo aos lavradores, não é verdade?

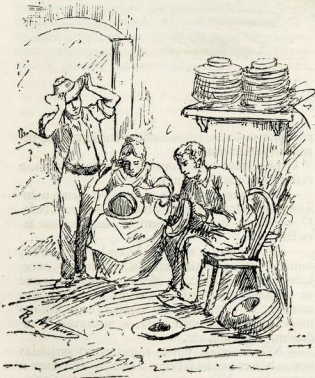
— Accusas injustamente as pobres cigarras: coitadas, só podem alimentar-se de materias molles, porque a conformação da sua bocca não lhes permite mastigar os alimentos, mas sim chupal-os. Deixa-me tambem dizer-te que as cigarras não cantam, pela simples razão de não terem voz. O ruido estridente que ouvimos é feito com uma membrana secca que ellas têm nas costas, e que fazem vibrar á maneira d'um pandeiro.

— Olhe, papá, apanhei uma! — gritou o Juliãozinho, mostrando um insecto que conseguira agarrar pelas azas.

— Isso não é uma cigarra; nem sequer pertence á familia: é um gafanhoto verde, muito vulgar no campo. Muitas pessoas confundem esses dois insectos, com quanto sejam bastante differentes. A cigarra tem o corpo quasi oval, a cabeça pouco visivel e a bocca desprovida de dentes. O gafanhoto, pelo contrario, possui mandibulas muito fortes; o corpo é sobre o comprido e a cabeça vê-se perfeitamente; tem duas pernas enormes, que lhe permitem dar saltos extraordinarios, o que a cigarra não pode fazer.

Assim conversando, o pae e o filho tinham-se aproximado da villa. O pae de Julião parou diante d'um telheiro, sob o qual differentes homens e mulheres estavam trabalhando com a maior actividade.

— Vê se conheces as hastes que dão as espigas



... e até chapéus, que é o que está a fazer aquella boa gente.

de trigo—disse o pae ao pequenito, indicando-lhe o telheiro.

—Agora são apenas palha.

—Ah! já sabes o nome? Pois da palha, principalmente da do centeio e da cevada, fazem-se muitas coisas: esteiras, xergões, cadeiras e até chapéus, que é o que está a fazer aquella boa gente. Os camponeses utilisam tambem a palha como cobertura das suas cabanas. Para os ca-

vallos, bois, vaccas, etc., é um excellente alimento. Em alguns paizes, principalmente na Allemanha, fazem papel de palha, depois de a reduzirem a massa. Tambem com a palha se fabricam objectos de phantasia, muito elegantes e bonitos. Finalmente, a propria palha que os cavallos ou os bois já pisaram e enxovalharam, ainda serve para adubar as terras.

(Continua.)

AS CAVALHADAS EM VIZEU

Vizeu, a antiga e muito nobre cidade, patria de Viriato, o pastor guerreiro, e de muitos outros heroes, que a ennobreceram e honraram, mostra no dia do popular S. João um aspecto muito pittoresco, pelas scenas engraçadas que apresenta nas suas lendarias cavalhadas.

Ao romper da aurora, vê-se affluir de diferentes pontos da cidade uma enorme concurrencia de transeuntes, para observarem uma festa muito popular na Beira.

Em pouco mais de duas horas, o vasto largo da Praça de Camões enche-se de gente, sempre ávida de palhaçadas d'esta ordem, e que, acotovelando-se, rindo e folgando, faz um *charivari* medonho.

É pena que eu, um pequeno alumno d'instrucção primaria, não tenha a intelligencia precisa para descrever minuciosamente tão curiosas scenas, dando-lhe ao mesmo tempo um certo brilho litterario. Mas, como o *Jornal da Infancia* é puramente dedicado ás creanças, farei por ir exercitando as minhas faculdades intellectuaes em trabalhos de pequena monta, certo de que os amáveis leitores d'este semanario me desculparão o atrevimento.

Depois das scenas que já descrevi ao leitor, as quaes são apenas o prologo da farça, principia-se a ouvir dos lados de Vil de Moinhos, uma povoação encantadora, situada nas pittorescas margens do Pavia, a 2 kilometros d'esta cidade, os clarins da philarmonica, composta de meia duzia de sугeitos, cobertos com uns dominós surjos e immundos, bufando nos instrumentos, arancando assim um som capaz de nos ensurdecer, pela grande desafinação, motivada pelos solavancos d'uma carroça, que os conduz, puxada por duas alimarias chagentes, que causam nojo. Segue atraz, por sua ordem, a principal farçada, composta de gericos lazarentos, cavallos ajaezados, alguns muito enfeitados, montando os rapazes imberbes, e sугeitos de grandes bigodes, com a cara coberta de papelão, a que dão o nome de *má cara* ou mascara, uma canna verde muito cheia de cravos na mão direita, e abrigando-os do orvalho, um alvo lençol de linho, que elles deitam pelas costas, fazendo isto lembrar-me um phantasma que eu vi na matta do Bispo. Na frente da cavalhada, e atraz da musica, vae um dos mordomos, montado em um elegante corcel, com uma casaca alugada, luvras pretas, um cravo na *boutonniere*, e como distinctivo um chapéu embicado, muito agalado, e semelhante ao do sar-

gento mór de Villar. N'uma das mãos leva com altivez a bandeira do santo popular!

Este comparsa é secundado por dois ajudantes e tres mordomos, todos muito bem vestidos. Ha sempre um ou outro mascarado que, no firme proposito de fazer rir os espectadores, não faz senão berrar, chamando assim a attenção da gente que se agglomerava em grandes turbilhões para o ouvir; e elle, o maltrapilho, vae elogiando o seu querido burrico, beijando-o e estreitando-o contra o peito em fraternal amplexo. O burro, sentindo-se quasi asphixiado, dá zurros, o dono chora, o povo ri, e elle, o maroto, checando o seu poder sobre o povo ignaro, continua as suas graçolas ordinarias. Mais adiante encontra-se um foso cavallo, caminhando a par com um sujeito alto e bem trajado, o qual vae contando a antiguidade do seu companheiro, e diz que o conserva como recordação saudosa do tempo de Carlos v! Que o herdara de seus antepassados, pessoas que tomaram parte na batalha de Montes Claros, Aljubarrota e Montijo, que foram muito amigas da heroína Brites d'Almeida, porque tambem ajudaram a empalar o celebre sargento castelhano, etc., etc.

É com estes ditos meio sensorbões e meio historicos, que a farça termina com um epilogo deversas engraçado, mas um tanto ou quanto selvagem.

Depois das cavalhadas terem atravessado as ruas d'esta pacifica cidade, em direcção ao S. João da Carreira, que fica a 3 kilometros d'aqui, são os mascarados apresentados aos mordomos, os quaes lhes offerecem bolos, doces e copos de licor; terminando os personagens d'esta funcção, quasi sempre, a paulada uns aos outros, rasgando os lençoës, deitando a terra os burros dos companheiros, finalmente, chegam a ficar em completo estado de embriaguez no local da capella!

Só quando os raios do sol lhes aquece a frente, é que elles, os desgraçados, conhecem o estado em que se acham: levantam-se e seguem então para suas casas.

É este quasi sempre o epilogo de festa tão memoravel, e foi debaixo d'esta impressão vivissima, que eu me abalancei a descrever singelamente a forma como são feitas as cavalhadas em Vizeu, uma terra muito civilisada e respeitada por todos os que tem a fortuna de pernoitar entre gente tão hospitaleira e socegada, como são os seus habitantes.

Vizeu — junho de 1883.

O PEQUENO ANTONINHO.

ALEGRIAS

D. Thereza recomendará um dia ao guarda-portão que dissesse às pessoas que a procurassem, que não estava em casa. Aconteceu vir a irmã visitá-la, mas teve a mesma resposta do porteiro. Quando D. Thereza soube isto, advertiu o homem de que, para a sua querida irmã, estava sempre em casa. No dia seguinte, D. Thereza teve de saber, e a irmã voltou para a visitar. O guarda-portão disse-lhe logo que sua irmã estava em casa, que podia subir. Ella assim fez; tocou à campainha, tornou a tocar, e nada.

— Com certeza minha irmã sahio — disse ella, voltando ao guarda-portão.

— Sahiu sim, minha senhora; mas disse-me que para V. Ex.^a estava sempre em casa.

— Está lá fora um mudo que deseja fallar ao patrão.

— Ah! um mudo quer *fallar-me*? — tornou o amo, sorrindo. — Mas como sabes tu que elle é mudo?

— Então eu não lh'o ouvi dizer! Sou algum tolo!

— Joaquina!

— Minha senhora?

— Traze-me as botinas, e avia-te que tenho muita pressa.

Passa-se um bocado de tempo e as botinas não apparecem.

— Ó Joaquina!

— Minha senhora?

— Então as botinas?

— Aqui estão, minha senhora. Como disse que tinha muita pressa, estive a abotoá-las, para lhe poupar tempo.

Regulamento de incendios da camara municipal de...

Art. 1.^o — A bomba para incendios é destinada a apagar os incendios.

Art. 2.^o — Todo o habitante d'esta villa é bombeiro desde que nasce.

Art. 3.^o — Em caso de incendio, a bomba não será entregue aos bombeiros senão depois de se reunir a camara, para dar o seu consentimento. (*Alguns camaristas moravam a cinco leguas da villa*).

Art. 4.^o — A bomba deverá sempre ser experimentada na vespera de qualquer incendio.

etc., etc., etc.



HORAS ENTRETIDAS

23 — CHARADA

(AO MEU AMIGO E DISTINCTO CHARADISTA NEMO)

Nemo, tu que és mui sagaz,
e tens geito, não vulgar
p'ra charadas decifrar,
vá... mata esta, se és capaz.

Que vem sempre, reconheço,
tu tambem, creio que sim
a primeira, no começo... }
mas, nunca, nunca no fim. } 2

Em tu sabendo a primeira,
bem facil de conseguir,
n'uma aposta, sem cancela, }
vás segunda descobrir. } 1

Não gostas do todo, amigo?
eu, já comi... e gostei;
Não sabes... onde comprei?
Não sabes! Pois não t'o digo.

Lisboa

NINGUEM.

24 — CHARADA

Nas silvas m'encontrarás, — 1
E nos navios tambem. — 2
Passando a fronteira além,
Um appellido acharás.

Lisboa

HERMENA.

25 — CHARADA

Ando sempre acompanhado — 1
Na musica me has de achar — 1
Não é lá que deves nunca — 1
Esta ave procurar.

Monchique

CUNHA & C.^a

26 — CHARADA NOVISSIMA

No Rio ha uma planta com este nome — 1 — 2

Lisboa

FANTOCHE.

27 — CHARADA NOVISSIMA

É redonda, bebe-se e come-se — 2 — 1

Monchique

CUNHA & C.^a

28 — CHARADA NOVISSIMA

Esta nota grave excita a compaixão — 1 — 3

Vizeu

BÉRE.

29 — CHARADA DECAPITADA

O meu amigo tem uma — contra mim;
porque todos os dias — para a conspiração!
Talvez que uma — despedida ao acaso
por uma — de soldados, que regresso das
partes de — seja o fim e — paga das
suas açções!

Vizeu

O PEQUENO ASTONISIMO.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

11.

FOLO
OVAR
LAPA
OKAR

15, Gomar. — 16, Vieira. — 17, Soldado. — 18, Girafa. — 19, Empolar. — 20, Mordente. — 21, A cabaça.

22.

MIRA
IREI
RESA
AIAS